

6.09.02 - Comunicação / Jornalismo e Editoração.

O COMPLEXO DE “VIRA-LATAS” NA MÍDIA

Beatriz Gimenez¹, José Salvador Faro²

1. Estudante da Faculdade Filosofia, Comunicação, Letras e Artes da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (FAFICLA - PUC-SP)
2. Professor da FAFICLA - PUC-SP - Departamento de Jornalismo/Orientador

Resumo

A colonização brasileira resultou na busca por uma identidade que não suprimiu a influência estrangeira. Nelson Rodrigues criou o termo “complexo de vira-latas”, abordando a inferioridade que o brasileiro se coloca e a superioridade que o estrangeiro é tratado. A mídia de um povo “vira-lata” também pode acatar esses ideais.

O objetivo foi investigar os veículos midiáticos brasileiros: se as matérias sobre as Olimpíadas de 2016 no Brasil detêm um teor depreciativo em relação ao nacional, e de exaltação ao estrangeiro, como um reflexo da formação cultural brasileira. A mídia seria um potencializador. Para isso, foram analisadas matérias de veículos estrangeiros, matérias brasileiras baseadas em textos estrangeiros, e o blog da Globo “Brasil visto de fora na Olimpíada”. Foi possível concluir que nos baseamos nos Estados Unidos e na Europa, em que o Brasil é visto de forma negativa. Isso, juntamente com a submissão do brasileiro, resultou em visões pessimistas em relação ao próprio país.

Autorização legal: CAAE 88928518.7.0000.5482

Palavras-chave: olimpíadas; inferiorização; Brasil

Apoio financeiro: PIBIC-CEPE

Trabalho selecionado para a JNIC: FAFICLA - PUC-SP

Introdução

O Brasil pode ser considerado uma região periférica do capitalismo europeu. Assim como diz Roland Corbisiier no prefácio do livro “Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador” de Albert Memmi, a ideia do colonizador está amarrada a uma superioridade científica, tecnológica, econômica e cultural em relação ao país colonizado (CORBISIIE, 1967). Dessa forma, a ideologia do colonialismo, para ele, são os próprios oprimidos tolerando a opressão. Com isso, o colonizado perde sua autonomia e considera-se dependente dessa outra nação, considerada mais evoluída.

Apesar dessa condição periférica, a criação da identidade do brasileiro foi baseada em movimentos culturais próprios. Durante o século XIX, o Brasil foi palco do Romantismo, em que a poesia e os poetas tinham o desejo de se desvencilhar de Portugal, assim como a Semana de Arte Moderna de 1922. O Samba surgiu com influência da cultura africana; em 1950, a Bossa Nova, com influência do Jazz; em seguida, a Música Popular Brasileira (MPB) surgiu na década de 60, um período conturbado devido à ditadura militar. Em 1967 aconteceu a “Passeata contra a guitarra elétrica”, em que o instrumento era um símbolo da música estadunidense. Torná-la parte da música brasileira era considerado uma invasão à cultura nacional.

Dessa forma, é perceptível que as diversas faces da cultura brasileira tiveram influência de fatores externos devido, principalmente, à colonização e a conseqüente miscigenação. A mistura de culturas faz parte da cultura brasileira. O principal problema é quando, devido à essa intensa influência, o estrangeiro passa a ser visto como melhor e mais desenvolvido do que o nacional. Nelson Rodrigues teve essa percepção no futebol.

No final da Copa do Mundo de 1950, o Brasil sofreu uma derrota inesquecível para o Uruguai, a qual fez os torcedores brasileiros perderem a fé na seleção. Partindo deste ponto, o jornalista e escritor, Nelson Rodrigues, escreveu uma crônica na revista “Manchete Esportiva” com o título “Complexo de *vira-latas*”, definindo a inferiorização que o brasileiro se coloca frente ao estrangeiro. Meu objetivo é mostrar como essa ideia se mantém, inclusive reforçada pela mídia nacional, utilizando a cobertura das Olimpíadas de 2016 como objeto de estudo.

Metodologia

Após a realização de uma pesquisa bibliográfica e teórica aprofundada sobre a formação histórico-cultural brasileira e sua relação com a criação de uma identidade nacional deturpada e inferiorizada perante o estrangeiro, a pesquisa se dividiu em três partes.

A primeira foi uma análise do imaginário estrangeiro perante o Brasil e, especialmente, na época das Olimpíadas de 2016. Foram avaliados os temas e estrutura textual de matérias e reportagens estrangeiras que mais tiveram repercussão dentro e fora do Brasil. Neste momento foi perceptível a visão estereotipada e negativa existente sobre os brasileiros.

Logo depois, foi feita uma análise, também temática e de estrutura textual, da mídia brasileira falando sobre si própria durante o período das Olimpíadas de 2016. Aqui foi perceptível a semelhança entre as visões vindas de fora e as disseminadas dentro do país. Também foi perceptível a presença de muitas matérias somente traduzidas para o português, sem alteração em seu conteúdo, ou reportagens que exaltavam críticas negativas feitas por estrangeiros sobre o evento no Brasil.

Por fim, o blog da Globo “Brasil visto de fora na Olimpíada” foi objeto de estudo para entender quais são os países aos quais damos voz em nossos veículos midiáticos. Aqui foi realizada uma pesquisa quantitativa: na plataforma, foram publicadas 56 matérias, em que 75 citações foram de jornais dos Estados Unidos da América, 35 foram da Europa, e 12 foram de outras regiões do mundo, mostrando que nosso complexo de vira-latas é seletivo.

Resultados e Discussão

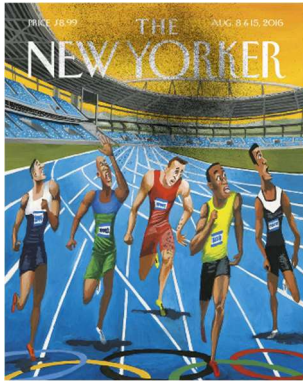
Lucia Santaella, em seu artigo “A grande aceleração e o campo comunicacional”, publicado no periódico “Intexto”, afirma “(...) tecnologias midiáticas moldam e conformam todo o ambiente sociopolítico e cultural” (SANTAELLA, 2015, p. 56). O universo digital pode ser considerado parte da organização política e econômica da sociedade, influenciando no seu funcionamento. É dessa forma que podemos interpretar a mídia: como parte integrante da sociedade, que sofre influência e influencia na formação do cidadão.

A grande mídia, principalmente após a possibilidade de interação entre seus usuários, tem potencial para fazer parte da “esfera pública”, conceito esse abordado no texto “Mídias Sociais e Esfera Pública” de Christian Fuchs, publicado na revista do programa de pós-graduação em comunicação da UFF, “Contracampo”. Para compor esse conceito, a plataforma em questão deve fornecer meios para informação, comunicação e acesso por todos os cidadãos, ou seja, tornar-se um meio de discussão de todos os âmbitos (FUCHS, 2014). Porém, essa ideia já foi muito deturpada com o crescimento do capitalismo e sua consequente manipulação pelos interesses das mais altas classes que atualmente dominam a mídia hegemônica. Assim como diz Fuchs, “a ‘crítica pós-moderna’ indica que a esfera pública tem sido a esfera de homens educados e ricos” (FUCHS, 2014, p. 18).

Esses aspectos puderam ser percebidos durante o período das Olimpíadas no Rio de Janeiro em 2016. A mídia estrangeira usou sua noção deturpada de Brasil para, em grande parte, escrever matérias tendenciosas e estereotipadas sobre o país e seu povo. Os veículos nacionais, muitas vezes influenciados por essas pautas estrangeiras, acabaram noticiando esse tipo de texto no Brasil. Toda essa trajetória da informação acaba interferindo na formação de opinião tanto da população de outros países, quanto do próprio brasileiro, a qual acaba mostrando sempre a faceta negativa do país.

Este assunto veio à tona com o chamado “caso Lochte”. Ryan Lochte, nadador estadunidense, afirmou ao canal *NBC News*, no dia 14 de agosto de 2016, que ele e mais 3 nadadores haviam sido assaltados após saírem de táxi de uma festa na Zona Sul do Rio. Segundo ele, o táxi em que estavam foi parado por outro carro, de onde saíram homens que se identificaram como policiais e os roubaram à mãos armada. No dia 18, imagens das câmeras de segurança do posto de gasolina na Avenida das Américas, na Barra da Tijuca, Zona Oeste do Rio, revelaram que houve um desentendimento entre os atletas e os seguranças do estabelecimento. Os atletas, na verdade, vandalizaram e depredaram o banheiro do posto de gasolina e tentaram ir embora sem pagar pelo prejuízo. Por fim, após muita resistência, os nadadores pagaram uma quantia de R\$120,00 para o conserto do banheiro e foram liberados pelos seguranças. Lochte e Jimmy Feigen foram indiciados por falsa comunicação de crime e, após pagamento de multa, ambos pediram desculpas publicamente pelo ocorrido. Até mesmo jornalistas estrangeiros recuperaram a noção do “complexo de vira-latas” devido à grande cobertura que os veículos brasileiros fizeram do caso.

Durante a pesquisa, primeiro foi realizada uma análise da mídia estrangeira sobre o Brasil. Um dos exemplos foi a revista *The New Yorker*, a qual se aproveitou da presença dos mosquitos *Aedes aegypti* no Brasil (disseminadores do Zika vírus), e utilizou como capa de sua edição de agosto de 2016, uma ilustração de Mark Ulriksen. Nela, foram representados 5 atletas de corrida, durante uma prova, fugindo de uma nuvem de mosquitos. A figura foi intitulada *Something in the Air*, ou seja, “Algo no Ar”. Isso aconteceu mesmo com a garantia da Organização Mundial da Saúde (OMS) e de diversos especialistas que o risco de turistas e atletas contraírem a Zika era mínimo, podendo chegar a somente 80 infectados durante todo o evento. Além disso, Hope Solo, goleira da seleção feminina de futebol dos Estados Unidos, compartilhou fotos nas redes sociais que mostravam uma reação exagerada com relação aos mosquitos da Zika no Rio de Janeiro.



Capa da revista “The New Yorker”
que satiriza a Zika no Brasil.

Imagem: Reprodução/The New Yorker



Postagens no Twitter da goleira Hope Solo.

Fotos: Reprodução/Twitter



A mídia brasileira, influenciada por essa visão estrangeira do Brasil, repercutiu certas manchetes e matérias de outras nacionalidades que tinham como tema o nosso país, principalmente durante as Olimpíadas Rio 2016. Muitas vezes, essas notícias são dadas como um resumo daquilo que é dito na matéria estrangeira sem a abertura para qualquer tipo de discussão, ou fazem referência à matéria estrangeira de forma que, muitas vezes, concordem com sua visão deturpada de colonizador. Um exemplo foi a matéria repercutida no Brasil como “Jornal dos Estados Unidos detona a Rio-2016: ‘Olimpíada da sujeira’”, quando na verdade, em tradução literal, o título da matéria em inglês era “A lagoa em frente ao Parque Olímpico do Rio é tão suja que os peixes estão morrendo”. O texto, assinado pelo jornalista Dom Phillips, trata da promessa brasileira não cumprida de “jogos verdes para um planeta azul”, falando sobre a poluição da Baía de Guanabara que deveria ter 80% de sua água livre de esgoto até o início dos jogos olímpicos, a lagoa Jacarepaguá e a lagoa Rodrigo de Freitas, as quais não tiveram suas metas de limpeza cumpridas. Ele mostra a situação brasileira de poluição e atenta-se ao fato de este ser um trabalho de longo prazo. Enquanto isso, a matéria brasileira não explica o real significado desta “sujeira” logo de início, abrindo a discussão sobre questões políticas por trás do evento, como a corrupção. A versão brasileira também só mostra como o jornal estrangeiro supostamente destruiu a imagem brasileira, sem mostrar o real significado do que a matéria nos mostra.

Para agrupar essas matérias com enfoque na interpretação estrangeira dos fatos, alguns veículos utilizaram certos artifícios. A Globo, através do seu portal *online*, G1, criou o blog “Brasil visto de fora na Olimpíada”, em que matérias estrangeiras sobre o evento no Brasil são traduzidas e disseminadas. Nele são apresentadas 56 matérias, em que 75 citações foram aos Estados Unidos, 32 à Europa e 12 a outras regiões. Os números nos dizem, basicamente, a quem o brasileiro mais ouve e, conseqüentemente, quem é considerado relevante como fruto de absorção de ideias e conhecimento.

Conclusões

É inegável como a mídia segue manipulando, conscientemente ou não, o imaginário da população em todos os âmbitos. Especificamente nessa análise, pode-se perceber como o caráter histórico e colonial brasileiro interferiu na noção de seu habitante em reconhecer-se cidadão de uma nação, uma vez que a ideia de dependência e inferioridade em relação ao estrangeiro considerado mais desenvolvido, assim como Estados Unidos e Europa, sempre esteve presente.

Com isso, o complexo de vira-latas, termo criado por Nelson Rodrigues em 1958, permanece no pensamento e atitudes do brasileiro atual, inclusive dos jornalistas. O monopólio da informação brasileira e mundial, além da falsa ideia da democratização da informação, garantem que poucos sejam os responsáveis pela real disseminação da notícia e reforçam um jornalismo muitas vezes opinativo, o qual não apresenta lados variados de uma mesma história.

Em um momento em que o Brasil esteve nos holofotes mundiais, as Olimpíadas de 2016 no Rio de Janeiro, o jornalismo nacional, mesmo estando em local privilegiado por estar em sua própria terra, permaneceu importando notícias e visões de mundo. A importância dada à opinião estrangeira se sobressaiu em relação às necessidades, vontades e interpretações do próprio país e de seus habitantes. Até mesmo as críticas ao complexo de vira-latas brasileiro vieram de agências estrangeiras.

Dessa forma, é nítida a presença do tal complexo na cultura do país, em que são importados valores, opiniões e até o próprio jornalismo. A definição do que é ser brasileiro permanece subjetiva, mas talvez algo que uma grande parte de sua população é a vontade de não o ser.

Referências bibliográficas

- ABRAMO, P. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.
- AMOSSY, R (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. tradução Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu, Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2005.
- BARROS, A. P. F. L. **A importância do conceito de esfera pública de Habermas para a análise da imprensa - uma revisão do tema**. Universitas: Arquit. e Comun. Social, Brasília, v. 5n. 1/2, p. 23-34, jan./dez. 2008
- BRESSER-PEREIRA, L. C. **Identidade e auto-estima do brasileiro**. Disponível em:<<http://www.bresserpereira.org.br/papers/2000/63IdentidadAutoEstimaBras.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2017.
- CAPRONI, L. **O Complexo de Vira-Latas**. São Paulo, SP, 2013. Cabrueira Filmes e Sem Cortes Filmes.
- CASTRO, Ruy. **O Anjo Pornográfico: A vida de Nelson Rodrigues**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- CEVASCO, M. E. Hibridismo cultural e globalização. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 8, n. 12, p.131-138, jan.-jun. 2006.
- DIAS, Gonçalves. **Primeiros Cantos**. São Paulo: Autêntica, 1998.
- _____. **Gonçalves Dias - I-Juca Pirama / Os Timbiras**. São Paulo: Nacional, 2008.
- FALCONE, K. **O acesso dos excluídos ao espaço discursivo do jornal**. 2006. v.1, 14 p. Pós-graduação em Letras - UFPE, Recife.
- FUCHS, Christian. **Mídias sociais e a esfera pública**. In: Revista Contracampo, v. 34, n. 3, ed. dez/2015-mar/2016. Niterói: Contracampo, 2015. Págs: 5-80.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LIMA, L. **Como devemos entender hoje o "homem cordial" de Sérgio Buarque de Holanda**: Em vez da confusão característica entre público e privado que definia o conceito, hoje o privado se identifica com instituições industriais. Disponível em:<<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/proa/noticia/2015/09/como-devemos-entender-hoje-o-homem-cordial-de-sergio-buarque-de-holanda-4841240.html>>. Acesso em: 13 fev. 2017.
- LOBATO, M. **O Presidente Negro**. São Paulo: Globo, 1926
- _____. **Reinações de Narizinho**. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia, 1931
- _____. **Urupês**. São Paulo: Brasiliense, 1994
- _____. **O Picapau Amarelo**. São Paulo: Brasiliense, 1994
- _____. **Caçadas de Pedrinho**. São Paulo: Globo, 2009
- MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Tradução Roland Corbisier, Mariza Pinto Coelho. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra Ltda, 1967
- OLIVEIRA, T. **A imagem do Brasil na mídia estrangeira, uma velha obsessão**: Poucos países no mundo preocupam-se tanto com o que é dito sobre o seu país em veículos internacionais. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/politica/a-imagem-do-brasil-na-midia-estrangeira-uma-velha-obsessao>>. Acesso em: 10 fev. 2017.
- RODRIGUES, Nelson. **À Sombra das Chuteiras Imortais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SANTAELLA, Lucia. **A grande aceleração & o campo comunicacional**. Intexto, Porto Alegre, UFRGS, n. 34, p. 46-59, set.-dez. 2015.
- SIMS, Shannon. **Six words that tell you everything you need to know about Brazil**. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/worldviews/wp/2016/08/03/six-words-that-tell-you-everything-you-need-to-know-about-brazil/?utm_term=.63cd677bebc4>. Acesso em: 20 nov. 2017
- WALTERS, John. **Raw sewage and stray bullets: Rio is rife with problems ahead of the Olympics**. Disponível em: <<http://www.newsweek.com/raw-sewage-and-stray-bullets-rio-rife-problems-ahead-olympics-484989>> Acesso em: 20 nov. 2017